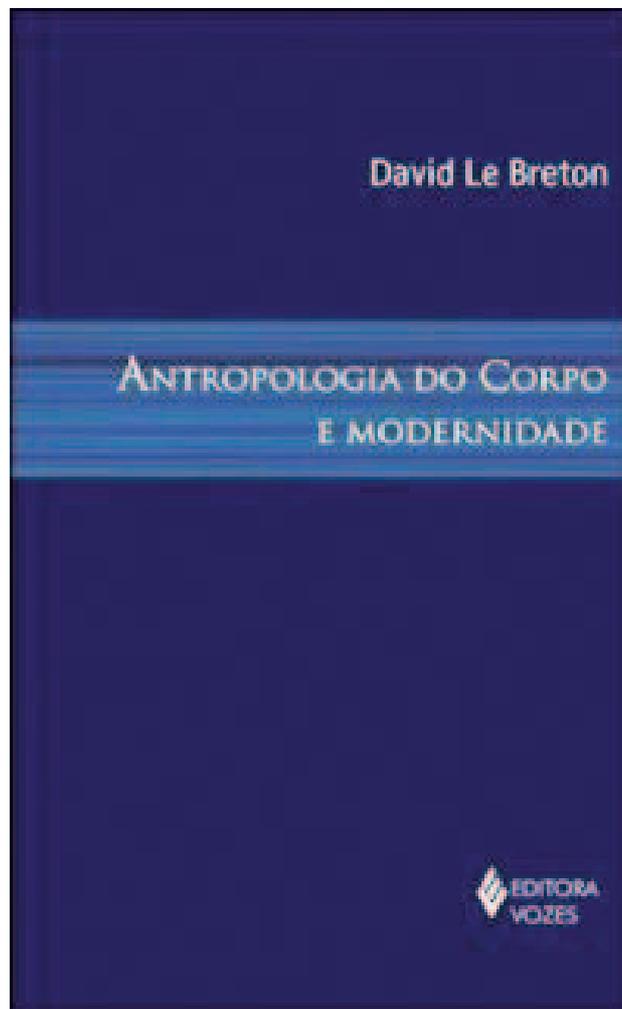


Das representações antropológicas do corpo na modernidade

RESENHAS



Jean Luiz Neves Abreu

Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Autor de *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. jl Luiz@inhis.ufu.br

Das representações antropológicas do corpo na modernidade

On the anthropological representations of the body in modern times

Jean Luiz Neves Abreu

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Tradução de Fábio dos Santos Creder. Petrópolis: Vozes, 2011, 405 p.



Não é fato novo que o corpo tem sido objeto de muitos estudos no âmbito das ciências sociais. Desde meados da década de 1970, as pesquisas sobre o cotidiano, a sexualidade e o amor permitiram à história, à antropologia e à sociologia adentrar esse território, dando vazão a colóquios, livros e artigos.¹ No Brasil a relevância do tema pode ser observada até pela publicação de vários títulos estrangeiros.

É o caso de *Antropologia do corpo e modernidade*, de David Le Breton. Professor de Sociologia e Antropologia da Universidade de Estrasburgo, o autor já há algum tempo se dedica à temática da corporeidade, tendo escrito diversos artigos e estudos sobre o assunto. No livro, por sinal, reaparecem questões tratadas em títulos anteriores como *La chair à vif: usages médicaux et mondains du corps humain*, *Sociologia do corpo* e *Adeus ao corpo*.

Em *Antropologia do corpo e modernidade*, David Le Breton analisa os significados que o corpo assume na modernidade e suas implicações antropológicas. Situada historicamente a partir do século XV, ela representou uma cisão na forma de se pensar e representar o corpo em relação às sociedades 'tradicionais'. Esse argumento é desenvolvido ao longo de onze capítulos, muitos deles publicados em coletâneas ou como artigos, mas que não interferem na organicidade da obra.

No primeiro capítulo, "O inapreensível do corpo", atenta-se para a polissemia das percepções corpóreas em diversas sociedades. Parte-se do pressuposto de que o corpo é uma construção simbólica sobre o qual incide uma diversidade de saberes e representações, evidenciando que esse só adquire significado com o "olhar cultural do homem" (p. 41). Ao buscar reconstituir os sentidos da experiência corporal nas sociedades "tradicionais", o autor extrai exemplos de estudos antropológicos sobre as sociedades melanesianas e africanas, mostrando que nelas, dada a sua "composição holística, comunitária, nas quais o indivíduo é indiscernível, o corpo não é o objeto de uma cisão, e o homem está misturado ao cosmos, à natureza, à comunidade" (p. 31). O mesmo ocorre na "antropologia bíblica", pois, segundo a tradição hebraica, o homem e seu corpo são indissociáveis, ambos vislumbrados como criaturas de Deus. O corpo – matéria – é concebido como uma emanção da palavra divina.

A partir do segundo capítulo, "As fontes de uma representação moderna do corpo – o homem anatomizado", David Le Breton examina as transformações das percepções do corpo e como as mudanças culturais e sociais da modernidade possibilitaram a ruptura com a perspectiva holística presente na Idade Média e enraizada nas culturas populares e sociedades "tradicionais". Ele chama atenção para as representações do indivíduo no

¹ Ver a respeito o artigo de Mary Del Priore, no qual a autora realiza uma análise historiográfica e das linhas metodológicas da história do corpo. DEL PRIORE, Mary Murray. Dossiê: história do corpo. *Anais do Museu Paulista. História e Cultura Material*, v. 3, São Paulo, jan.-dez. 1995.

Renascimento que modificaram a “axiologia corporal”. Retomando a perspectiva do “corpo grotesco” e carnalizado discutida por Mikhail Bakhtin², o autor opõe as expressões corporais da tradição erudita do Renascimento à da cultura popular da Idade Média, nas quais os corpos transbordam em sua plenitude no regozijo das festas e em suas protuberâncias e excretos. O corpo do Renascimento é um objeto isolado, cujas funções carnavalescas são depreciadas e se tornam objeto de pudor e ordenamento. Nas camadas eruditas da sociedade um individualismo crescente se insinua nas artes, no universo das práticas e das mentalidades, transformando-se no elemento responsável para a constituição de outra percepção do corpo.

Le Breton enfatiza que a ruptura com a ordem cosmológica do corpo tem suas raízes também nas ciências e na filosofia, atribuindo à anatomia no século XVI e à filosofia cartesiana a transformação do corpo em um mero acessório do homem, descentrado do sujeito. A primeira o converteu em objeto da ciência médica, cindindo-o do homem e o constituindo em objeto de estudo; a filosofia cartesiana distinguiu o corpo da alma, equiparando-o a uma máquina.

Se, por um lado, as camadas populares ainda continuavam a vincular o corpo ao cosmo, por outro, os estratos privilegiados e eruditos seguiram outra direção, definindo os valores e as práticas científicas da modernidade. Ao estabelecer um diálogo com Norbert Elias³, Le Breton demonstra que as mudanças científicas corresponderam às novas atitudes diante do corpo no âmbito da burguesia, cujas regras de etiqueta primaram pelo afastamento corporal e pelo desprezo de tudo que caracterizava sua presença, como o arroto, o escarro etc.

Depois de situar os fundamentos da percepção moderna do corpo, os capítulos seguintes procuram responder quais seriam suas representações atuais nas sociedades ocidentais. Sem perder de vista que nas tradições populares as práticas corporais assumem múltiplos sentidos, o argumento é de que a cultura ocidental reprimiu as manifestações corporais nas esferas da vida cotidiana, revelado nos “ritos de evitamento” (não tocar o outro, não evidenciar a nudez etc). Paradoxalmente, esse mesmo cotidiano que acentua a repressão do corpo permite a sua ostentação em determinadas ocasiões, como na publicidade, ou nos momentos de crise, como dor e fadiga. Desse modo, um “artifício da modernidade faz passar por libertação dos corpos aquilo que não passa de elogio do corpo jovem, sadio, esbelto, higiênico” (p. 211).

A saúde, a higiene e a sedução se transformam em uma relação coagida entre o sujeito e seu corpo e explicam o sucesso das cirurgias estéticas, dos tratamentos de emagrecimento e da indústria de cosméticos. Entretanto, essa exaltação da perfeição coloca à margem os corpos não enquadrados nesses valores, como os dos deficientes físicos, dos doentes e principalmente dos velhos, sobre os quais o autor dedica um capítulo específico.

Ao problematizar as práticas corporais nas sociedades contemporâneas, David Le Breton observa que desde os anos 1960 teve lugar um novo imaginário sobre o corpo. Este foi marcado pelo crescimento do que Durkheim denominou de “fator de individuação”, caracterizado pela preocupação com o eu, multiplicação dos modos de vida, alterações dos valores e referências. O modelo dualista herdado dos séculos XVI-XVII permanece, mas sob uma perspectiva mais insólita e fragmentada, tornando o homem uma realidade contraditória. O investimento desmesurado que

² BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo/Brasília: Hucitec, 1993.

³ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

o indivíduo faz em seu corpo o transforma em um *alter ego* da pessoa. Esse se torna objeto-sujeito de todas as atenções, propriedade da qual é preciso cuidar, investir, domesticar. Esse corpo é um “outro” lapidado de acordo com os valores narcisísticos da cultura contemporânea.

São esses mesmos valores que levam os homens a buscar o auxílio nas medicinas paralelas. O nono capítulo do livro, “Medicina e medicinas: de uma concepção do corpo a concepções de homem”, aborda como o saber médico oficial se opôs aos saberes dos curandeiros, pajés, feiticeiros, representando uma oposição entre cultura erudita, restrita às instâncias acadêmicas, e as concepções provenientes dos saberes populares. Antes sob a clandestinidade, as “medicinas novas” viveriam hoje sob uma “oficialidade relativa” (p. 281), caso da homeopatia, quiropraxia, acupuntura, dentre outras. As exigências dos atores sociais à procura do reencontro com seus corpos conduziram ainda ao ressurgimento de antigas práticas populares ligadas ao curandeirismo.

O recurso às “medicinas paralelas” na contemporaneidade pode ser explicado pela crise da instituição médica e pela forma de conceber a doença na medicina oficial. O saber anatômico e fisiológico, sobre o qual se fundamenta a medicina desde o século XVI, provocou não só a uma cisão entre o homem e seu corpo, como também despersonalizou a doença e colocou o indivíduo em segundo plano. Com a crescente especialização da medicina ao longo do século XX, o homem é concebido como um abstrato, o “fantasma reinante em um arquipélago de órgãos” (p. 287).

Nessa perspectiva, a medicina não levaria em consideração os elementos antropológicos, segundo os quais o homem é um “ser de relação e de símbolo” (p. 290). Dessa maneira, as tradições médicas populares estariam mais permeadas pela eficácia simbólica, pois elas concebem a doença como experiência vivida entre o curador e o enfermo, e não como um saber imposto e separado de seu objeto. Esses aspectos explicam por que no mundo contemporâneo as “medicinas paralelas” são cada vez mais procuradas pelos indivíduos para o alívio da dor e do sofrimento. A título de exemplo, Le Breton menciona os terreiros de candomblé no Brasil, frequentados por pessoas de distintas camadas sociais, movidas pela necessidade antropológica de sentido e de valor, em busca da “parte de símbolo que falta à sua vida cotidiana” (p. 305).

A despeito do recurso às “medicinas paralelas”, o autor considera que o triunfo das técnicas médicas na sociedade contemporânea teve como consequência o aprofundamento da desumanização do corpo. As imagens médicas – das pranchas de anatomia às radiografias – “procedem a uma suntuosa fragmentação do corpo, isolando os órgãos, as funções, e até mesmo as células ou moléculas” (p. 317). Diante de uma análise tão pessimista em relação à medicina oficial, Le Breton advoga a favor das “imagens mentais” utilizadas pelos doentes para reencontrarem o caminho da cura e da dimensão simbólica que permeia seus corpos.

O último capítulo, “A vida da suspeita – o corpo e a modernidade” chama a atenção para as perspectivas ambíguas do corpo na modernidade. De um lado, trata-se do corpo como efêmero, sujeito à doença e à morte, aquilo que se quer negar; de outro lado, dá-se a exaltação do corpo pela modelagem da aparência e obsessão pelas formas. Ambas as representações remetem à dissociação entre o homem e seu corpo e a uma fragmentação do sujeito na modernidade. Retoma-se o argumento central da obra: a frag-

mentação corporal tem suas raízes históricas localizadas nas experiências anatômicas do XVI e se espalha na filosofia mecanicista e “revolução científica” dos séculos XVII e XVIII, antecipando a objetivação do corpo pela técnica na cultura ocidental contemporânea. Ele foi reduzido a um produto mercadológico, tal como é expresso no investimento dos indivíduos sobre o próprio corpo e nos seus usos no mercado biológico, pela utilização de seus componentes, como sangue, espermatozoides e órgãos para várias finalidades.

Le Breton procura não só evidenciar as implicações éticas envolvidas nos usos do corpo humano nesse mercado biológico, como também clama pela reconstituição de sua dimensão simbólica. Conforme afirma, “a fenomenologia ontem (Merleau-Ponty), a antropologia hoje mostram-nos que o corpo é a condição do homem, o lugar de sua identidade, o que se lhe arranca ou o que se lhe acrescenta modifica sua relação com o mundo...” (p. 399).

Ao perscrutar o corpo e suas representações na modernidade, as conclusões a que chega o antropólogo se coadunam com as observações do historiador Jean- Jacques Courtine. Na apresentação do terceiro volume de *História do corpo*, Courtine salienta que o corpo passou por um complexo processo de transformações históricas no decorrer do século XX, expondo uma interrogação sobre a questão antropológica do humano. Em um cenário de mudanças que diluem as fronteiras entre o mecânico e o orgânico esse autor coloca a seguinte questão: meu corpo será sempre meu corpo?⁴ A leitura de *Antropologia do corpo e modernidade* é fundamental para se compreender as razões dessa problemática e entender que ela permanece atual no século XXI.



Resenha recebida em abril de 2012. Aprovada em junho de 2012.

⁴ COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: *História do corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006, p. 12.